

# OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E O LUGAR DA INTERCULTURALIDADE

Ilza Carla Reis de Oliveira\*

Telma Cruz Costa\*\*

## RESUMO:

A proposição deste texto emerge da problematização e reflexão teóricas que circunscrevem a possível relação entre os estudos linguísticos e o lugar da interculturalidade. O trabalho está fundamentado na revisão bibliográfica dos conceitos discutidos a partir, principalmente, dos estudos do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística enquanto ciência, e as contribuições de seus estudos em outros campos do saber.

A análise da perspectiva intercultural, que defende o respeito às diferentes culturas e modos de vida, com vistas a possibilitar o potencial criativo, a diversidade e as identidades interétnicas que atravessam diferentes realidades e contexto social, econômico, político e cultural, se deu com base na discussão abordada, entre outros autores, por Matias Fleuri (2003; 2014). Entendemos que a língua produz um emaranhado de sentidos atribuídos de forma arbitrária aos elementos culturais que, imersos na sociedade, têm significados diferentes, envolvendo múltiplas interpretações, resultantes de uma construção cultural do signo. Concluimos que é relevante se considerar o conjunto das produções culturais e das práticas sociais que carregam e produzem significados, para entender o conjunto de ideias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem.

**Palavras-chave:** Estudos linguísticos. Interculturalidade. Produção de sentidos.

## ABSTRACT:

The proposition of this text emerges from the theoretical problematization and reflexion that circumscribe the possible relationship between linguistic studies and the locus of interculturality. This research paper is underpinned on a bibliographic review of concepts discussed, particularly, from the studies found in the book Course in General Linguistics by Ferdinand de Saussure, considered the founder of Linguistics as a science, and the contributions of his studies to other fields of knowledge. The analysis from an intercultural perspective, which defends the respect to different cultures and ways of life, aiming to foster the creative potential, diversity and the interethnic identities that go through different realities and the social, economic, political and cultural context, was carried out based on a discussion tackled by Matias Fleuri (2003;2014) among others. We know that a language produces a jungle of meanings that are arbitrarily attached to cultural elements, when immersed in society, they have different senses involving multiple interpretations, resulting from a cultural construction of the linguistic sign. We conclude that it is relevant to consider the variety of cultural productions and social practices that carry and produce meanings so we can understand a number of ideas shared by men and women living in society.

---

\* Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XXII – Euclides da Cunha. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Mestre em Estudos Linguísticos. Email: [ilzaoliveira@uneb.br](mailto:ilzaoliveira@uneb.br)

\*\* Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XXII – Euclides da Cunha. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Mestre em Educação e Contemporaneidade. Email: [tccosta@uneb.br](mailto:tccosta@uneb.br)

**Keywords:** Linguistic studies. Interculturality. Production of meanings.

## INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado tem como pressuposto a problematização e reflexões teóricas dos estudos linguísticos, definido com base no pensamento de Saussure, considerado o fundador da Linguística enquanto ciência, e as contribuições de seus estudos em outros campos do saber, a partir dos Mil Platôs, de Deleuze e Guatarri (1995) e Cultura e Representação, de Stuart Hall, nas quais se observa um diálogo/debate estreito com os conceitos saussurianos.

Para ancorar a reflexão teórica, definimos, ainda, como objeto de análise da pesquisa o conceito de interculturalidade que se configura como processo de enfrentamento e desvelamento das práticas discriminatórias e racistas que predominam numa sociedade que privilegia a ideologia da cultura eurocêntrica e promove a inferiorização e subalternização dos povos que não se submetem ao projeto colonizador. Em linhas gerais “a interculturalidade refere-se a

um complexo campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes” (FLEURI, 2003, p. 21).

Deste modo, o objetivo do estudo parte da necessidade de discutir a relação existente entre os estudos linguísticos, sobretudo, da compreensão da produção dos sentidos, e a interculturalidade, que pertencem a campos teóricos distintos, com vistas a entrever as possíveis contribuições deste entrelaçamento para valorização e afirmação das diferentes culturas. Reconhecemos que um estudo desta natureza pode ser indicativo de uma pesquisa mais aprofundada, assim, corremos o risco de críticas e estranhamentos dos leitores, fato naturalmente aceitável.

O pressuposto metodológico de cunho bibliográfico teve como fito a análise teórica baseada no pensamento de dois autores, francês e brasileiro, respectivamente: Saussure e sua obra Curso de Linguística Geral (CLG), publicada postumamente em 1916, com vistas a situar minimamente a fundação

Linguística enquanto ciência e suas reverberações; e Fleuri (2003, 2014), na perspectiva da revisão da literatura que discute o conceito de interculturalidade na cena decolonial, que significa “[...] ação deliberada, constante, contínua e até insurgente, entrelaçada e encaminhada com a decolonializar” (FLEURI, 2014, p. 94).

Para as autoras, o sentido e importância de travar este debate complexo evidencia que os princípios que constituem os conceitos que fundamentam os estudos linguísticos e da interculturalidade revelam os mecanismos operantes da modernidade, produzidos através das convenções sociais, colonizadoras e arbitrárias, as quais colocam os grupos sociais diversos numa hierarquia que desconsidera as diferenças culturais e linguísticas inerentes a cada cultura.

Com propósito didático, organizamos o texto em duas seções que apresentam debates distintos dos conceitos-chaves a partir de uma revisão bibliográfica, a fim de, ao menos, apontar as conexões, ressonâncias e lacunas existentes na relação entre os estudos linguísticos e interculturalidade. Inicialmente, a seção **Ferdinand**

**Saussure: da fundação da ciência linguística às suas ressonâncias contemporâneas**, engendra uma narrativa importante de construção epistemológica que retoma a Linguística Saussuriana no contexto contemporâneo, haja vista a necessidade de rever muitas “verdades” teóricas ou conceitos exclusivamente eurocêntricos, em que diversas “vozes” ora alijadas do processo de construção dos pilares das ciências humanas encontram na linguagem seu campo fértil.

A seção seguinte, **Interculturalidade: Insurgências de culturas decoloniais**, destaca a centralidade da interculturalidade, em oposição ao pensamento eurocêntrico colonizador, como conceito singular para a construção de um pensamento decolonial, elaborado a partir das experiências das diferentes culturas que conformam a geopolítica de outros conhecimentos produzidos pelas comunidades culturalmente diversas. Não menos importante, a última seção, **(In)conclusões**, apresenta as ideias iniciais, resultantes deste estudo não conclusivo, da relação entre os estudos linguísticos e a interculturalidade com a finalidade de destacar o lugar deste

conceito a partir do pensamento de Reinaldo Matias Fleuri (2014).

Em síntese, a abordagem teórica proposta neste texto não pretende esgotar, nem poderia, a discussão dos conceitos analisados; pretendemos meramente enunciar uma narrativa que destaca a confluência entre dois conceitos, estudos linguísticos e interculturalidade, colocando em questão a forma hegemônica que institui as relações linguísticas entre diferentes grupos socioculturais.

### **Ferdinand Saussure: Da fundação da ciência linguística às suas ressonâncias contemporâneas**

Um clássico é assim considerado por ultrapassar o tempo e ter ainda, e sempre, o que dizer, conforme lembra Ítalo Calvino (apud FIORIN *et all*, 2013, p. 09), tanto considerando seu contexto de produção como relacionando-o ao contexto de recepção e suas novas possibilidades – dir-se-ia até necessidades – de leitura. É o que se observa com a obra saussuriana, seja tomando-se como ponte de partida a importante publicação do Curso de Linguística Geral, por seus discípulos, seja acessando também as demais fontes

manuscritas, que posteriormente vieram à lume e têm sido foco de diversas pesquisas, nas últimas décadas. Em seu Curso de Linguística Geral, publicado postumamente em 1916, a partir dos manuscritos de seus discípulos, Saussure estabelece que a língua é um sistema do qual todas as partes devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica, com uma forma e não uma substância, tendo a Linguística por único e verdadeiro objeto de estudo a língua, considerada em si mesma e por si mesma.

Para o mestre genebrino, o signo linguístico é definido como produto psíquico de duas faces: significado (conceito) e significante (imagem acústica) (CLG, 2006, p. 80). Dentre os importantes princípios desenvolvidos por Saussure está o da arbitrariedade, segundo o qual o signo linguístico resulta da união do significado e significante, cuja associação não é natural e nem uma escolha do falante, mas uma convenção social, visto que o signo está previamente incorporado ao sistema linguístico ao qual pertence (CLG, 2006, p. 82-83).

Quando Saussure ministrou as três edições do Curso de Linguística Geral, na Universidade de Genebra,

certamente, não imaginava que, mais de um século depois, suas ideias repercutissem tanto, tampouco, que seria considerado o pai da Linguística, inclusive porque sequer teve tempo de ele mesmo publicar um trabalho com suas novas postulações. Até então, já havia uma tradição nos estudos da linguagem, desde os filósofos aos histórico-comparatistas, fonte da qual bebia o próprio Saussure, porém, tratava-se de algo assistemático, muito pela óptica de outras ciências já estabelecidas, a exemplo da Antropologia, Psicologia, Sociologia etc.

O que ele reclamava, como um pensador a frente de seu tempo, era a ausência de um método que pudesse tornar o estudo dos fenômenos da língua autônomo, com objeto de estudo próprio e uma terminologia adequada. Coube a Saussure, portanto, sistematizar o estudo da linguagem, fazendo surgir a Linguística, sendo necessário, sob seu ponto de vista, tomar a langue por si mesma, enquanto sistema que conhece apenas sua própria ordem. Por isso, foi/é acusado de esvaziar a linguagem de sua dimensão histórica e do sujeito, o que os novos estudos têm demonstrado não ser totalmente verdade.

O fato é que Saussure é leitura necessária, se não obrigatória, e não somente nos cursos de Letras. Todo campo de estudo que prescindir da linguagem para estabelecer suas bases científicas pode ter nos estudos saussurianos uma fonte, seja para concordar, seja para refutar. Exemplo disso é a obra *Saussure: a invenção da linguística*, publicada em 2013, ano do centenário de sua morte. Organizada por José Luiz Fiorini, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan, reúne textos de linguísticas das mais diversas áreas, cujo propósito é retomar e /ou atualizar os conceitos saussurianos.

Num dos capítulos da obra, Márcio Alexandre Cruz trata da relação língua-história em Saussure, algo que pode ser considerado foco das críticas a ele direcionadas. Refutando os posicionamentos extremos, segundo os quais ora Saussure deixou de lado a história e o sujeito dos estudos da linguagem, ora ele passou a ser apresentado como o precursor “de abordagens como a Análise do Discurso e a Pragmática” (p. 33), Cruz (2013) defende que Saussure não deixou de lado nem a história nem o sujeito, tampouco o sentido, mas optou por tomar a langue como sistema universal a todas as

línguas, sendo, assim, preciso isolá-la de sua exterioridade. Isso não significa que não reconheceu que há um sujeito falante ou que a produção de sentidos é afetada por questões históricas, por exemplo.

De toda a leitura da obra organizada por Fiorin, Flores e Barbisan (2013) fica-nos o aprendizado de que o pensamento de Saussure é muito mais mal compreendido do que outra

coisa e de que as dicotomias, tão enfatizadas quando se faz referência a ele, muito mais que meras oposições que se excluem, são escolhas a fim de estabelecer um método para instituir a ciência da linguagem. Como uma espécie de pedra que, lançada num lago, forma ondas, o pensamento de Saussure repercute até hoje, abrindo caminhos, ainda que inconscientemente, para o surgimento de diversas correntes de estudos linguísticos, sejam inspiradas por ele, sejam com o propósito de preencher as lacunas que, ou Saussure não se ocupou de preencher, por escolha metodológica, ou não teve tempo de fazê-lo, como sintetiza Bagno (2003, s/p):

Com base nas formulações de Saussure, desenvolveu-se uma escola de pensamento, o chamado estruturalismo, que se estendeu para fora da lingüística e conquistou adeptos na antropologia, na psicanálise, na

psicologia e na filosofia. Desses primórdios até os dias de hoje, a lingüística sofreu inúmeras reformulações epistemológicas, ramificou-se em diversas escolas teóricas e metodológicas, até se tornar a ciência humana com a maior vocação para a interdisciplinaridade - o que se verifica nos próprios nomes das novas áreas de investigação, surgidas dentro do campo maior da lingüística: sociolingüística, psicolingüística, pragmática lingüística, lingüística cognitiva, antropologia lingüística, sociologia da linguagem, lingüística computacional etc.

Nessa perspectiva, pensamos ser importante engendrar um diálogo entre a Linguística saussuriana e os estudos interculturais. Não se trata de nada aprofundado, ao menos a priori, mas uma das leituras possíveis, conforme expõem Deleuze e Guatarri, em sua obra *Mil Platôs*, publicada no Brasil em 1995, em cinco volumes: “a partir da conexão e da heterogeneidade, qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem.” (DELEUZE; GUATARRI, 1995a, p. 16). Os pensadores Deleuze e Guatarri (1995a) tomaram o termo Rizoma, próprio da botânica, para construir sua teoria, na década de 60, período em que o contexto histórico-político, na Europa, provocava uma verdadeira ebulição epistemológica.

Dialogando com a própria linguística e com a psicanálise, Deleuze e Guatarri (1995a) propõem construir, entre outros conceitos, o de multiplicidade, questionando pressupostos até então dominantes no âmbito da Filosofia e das Ciências Humanas, de modo geral, tais como a busca pela verdade e a prevalência de visões dicotômicas da realidade, como se observa ao tratar de rizoma. Para eles, a realidade não é algo que está pronto, lá fora, esperando para ser decifrada, mas um processo de produção, pois o que há é um mundo inventado nas relações, as quais, apesar de se configurarem em uma estrutura, não são universais. Eles não negam, portanto, que há uma estrutura, mas apresentam o conceito de agenciamento para falar de conexões de diferentes modos que, ao se encontrarem, constroem novos arranjos e novas conexões.

Na primeira parte do volume 2 de *Mil Platôs*, intitulado *Capitalismo e Esquizofrenia*, os autores, enfatizando a dimensão política da linguagem, engendram uma desconstrução de quatro postulados básicos da linguística clássica, a saber: I. A linguagem seria informativa e comunicativa; II. Haveria uma máquina abstrata da língua, que não recorreria a

qualquer fator "extrínseco"; III. Haveria constantes ou universais da língua que permitiriam defini-la como um sistema homogêneo; IV. Só se poderia estudar cientificamente a língua sob as condições de uma língua maior ou padrão (DELEUZE; GUATARRI, 1995b). Muito embora toda a discussão delineada a partir dos quatro postulados seja relevante, destacamos, por hora a problematização feita pelos autores do segundo postulado. Para os pensadores, é possível tomar a língua apenas no sentido abstrato, considerando somente sua estrutura, mas, ao contrário, os sentidos são produzidos no paradoxo, não estão postos de antemão, porque são da ordem do acontecimento:

Desse ponto de vista, a interpenetração da língua com o campo social e com os problemas políticos encontra-se no âmago da máquina abstrata, e não na superfície. A máquina abstrata enquanto relacionada ao diagrama do agenciamento nunca é linguagem pura, exceto por erro de abstração. É a linguagem que depende da máquina abstrata, e não o inverso. (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p. 27).

Ora, corroborando com o pensamento de Deleuze e Guatarri (1995b), os sentidos produzidos na/pela língua não são imanentes, mas o

resultado do modo como nos apropriamos da língua, fruto do que pensam seus sujeitos em seu tempo e do modo como estabelecem suas relações em sociedade, assim como das ideologias que os interpelam. Naquele contexto de fundação da ciência linguística, Saussure optou por ater-se aos aspectos intrínsecos da língua, isto é, à sua forma, a fim de, entre outras razões, estabelecer um método de estudo da linguagem, até então inexistente, carente de uma terminologia adequada, como exige toda ciência. Posteriormente, sentiu-se a necessidade de tratar também dos aspectos extrínsecos da linguagem.

Nesse sentido, esse movimento de diálogo da Linguística com outros campos do saber é de extrema relevância e ainda efervescente, conforme defende Bernadete Abaurre, professora titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, em entrevista publicada na obra *Conversas com linguísticas: virtudes e controvérsias da linguística*, em 2003:

Para mim, talvez o que chame mais atenção com relação ao fazer linguístico neste momento que chamamos de pós-modernidade seja justamente esse movimento para fora dos limites tradicionais da própria disciplina. Acho que passamos por um momento de constituição desse campo do saber em que,

talvez até do ponto de vista metodológico, tenha sido importante um maior fechamento, um olhar mais “para dentro”, para que se pudesse ver com um pouco mais de clareza quais poderiam ser os objetos de investigação interessantes para a disciplina. [...] o que eu acho interessante desse voltar-se para fora é que isto tem um retorno para a própria prática de reflexão da linguística, pois abalam-se muitas certezas, redefinem-se objetos de pesquisa. (ABAURRE, 2003, p. 21-22).

Consideramos, grosso modo, que também nessa virada do novo de século vivemos um contexto de importante ebulição epistemológica, haja vista ser necessário rever muitas “verdades” teóricas ou conceitos exclusivamente eurocêntricos, em que diversas “vozes” ora alijadas do processo de construção dos pilares das ciências humanas fazem-se escutar. Tem-se na linguagem, portanto, o campo fértil para essas transformações, pois como afirma Maher<sup>1</sup> (2021, online): “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos – as línguas – pelos quais elas são representadas”. É o que esboçaremos mais adiante, buscando

<sup>1</sup> Trecho da palestra proferida pela professora Terezinha de Jesus Machado Maher ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, em abril de 2021, disponível no canal do IEL UNICAMP, na plataforma do Youtube

uma interface entre os Estudos Linguísticos e os Estudos Interculturais.

### **Interculturalidade: Insurgências de culturas decoloniais**

A interculturalidade refere-se a um complexo campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes, focalizando especificamente a possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule. [...] Para além de uma compreensão rígida, hierarquizante, disciplinar, normalizadora da diversidade cultural, emerge o campo híbrido, fluido, polissêmico, ao mesmo tempo trágico e promissor da diferença, que se constitui nos entrelugares e nos entreolhares das enunciações de diferentes sujeitos e identidades socioculturais. (FLEURI, 2014, p. 91, grifos nossos)

A perspectiva intercultural surge como uma epistemologia contra hegemônica na luta pela igualdade socioeconômica e justiça cultural, num cenário de exclusão dos percursos civilizatórios singulares dos diversos povos que lutam pelos espaços geográficos e políticos, pelo reconhecimento das identidades culturais e pela inclusão social. Nesse sentido, a interculturalidade emerge como

importante debate para impulsionar não somente os estudos teóricos de base acadêmica, mas, sobretudo, a compreensão dos referenciais que configuram e organizam a sociedade colonial e a luta pela insurgência de outros modos de vida para as diversas e diferentes culturas, na contramão da homogeneização cultural de cunho eurocêntrico.

Nessa perspectiva, a interculturalidade vem se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero e de ação social. (FLEURI, 2003, p. 23)

É nessa rota de invisibilidade dos povos negros e indígenas no contexto de um projeto de sociedade que atende prioritariamente as demandas econômicas e sociais de uma burguesia majoritariamente branca, em detrimento das reivindicações dos povos que compõem, em particular, o tecido social brasileiro, delimitado historicamente pela exclusão e desigualdade social, organizando outros modos de pensar e

agir, uma outra geopolítica numa perspectiva intercultural.

Na tentativa de resignificar o cenário brasileiro, a partir do final do século XIX e mais intensamente no século XX, os movimentos sociais e culturas tencionam as forças opressoras na busca de garantir seus direitos coletivos e, assim, as reivindicações e movimentos se alastram pelo país e são palcos de conflitos e debates que ocupam o espaço político nacional, com vistas ao reconhecimento da diversidade e respeito as diferenças étnico-raciais, culturais, religiosas, de gênero e orientação sexual que se transformam e invadem os espaços de debates e lutas.

As diferenças culturais dos grupos sociais e povos tradicionais são demandas historicamente mal resolvidas; a luta pelos direitos e pela justiça cultural tem sido pauta recente imersa num emaranhado de conflitos, no bojo da disputa política. Nesse sentido, Fleuri (2003, p. 18) assevera que:

O amadurecimento da sensibilidade para com o tema das diferenças culturais é uma conquista recente. Mas o problema do encontro e do conflito entre culturas é antigo. E tem sido enfrentado e resolvido geralmente valendo-se de perspectivas etnocêntricas, que pretendem impor o próprio ponto de vista como o único

válido. De modo particular, no mundo ocidental a cultura europeia tem sido considerada natural e racional, erigindo-se como modelo da cultura universal. Desse ponto de vista, todas as outras culturas são consideradas inferiores, menos evoluídas, justificando-se, assim, o processo de colonização cultural.

Dentre outros equívocos do pensamento científico-racional, a distribuição desigual da riqueza produzida no país e as políticas públicas de atendimento as reivindicações sociais justificam as desigualdades com que são tratados os diferentes grupos culturais. Desigualdade defendida como “igualdade” e que tem se convertido em “políticas sociais” estrategicamente criadas com intuito de suposto favorecimento econômico aos diferentes grupos culturais, negando, assim, a efetividade dos direitos coletivo, territorial e econômico.

Em oposição a essa lógica capitalista, destacamos como essencial a compreensão rigorosa das singularidades relativas as diferenças e diversidades culturais no sentido da construção de outro paradigma, elucidado “numa perspectiva interdisciplinar e complexa, sobre a dimensão híbrida e ‘deslizante’ do ‘inter-’ (-cultural, -étnico, -geracional, -

sexual, - grupal etc.) constitutiva de possibilidades de transformação e de criação cultural” (FLEURI, 2003, p. 23), com ênfase na emancipação política e social dos grupos culturais. Reafirmando esse construto teórico, Fleuri (2003, p. 23) ressalta:

O Brasil se constitui historicamente como uma sociedade multiétnica tomando-se por base uma imensa diversidade de culturas. Reconhecer nossa diversidade étnica implica ter clareza de que os fatores constitutivos de nossas identidades sociais não se caracterizam por uma estabilidade e fixidez naturais.

Dando ênfase a centralidade da interculturalidade, em oposição ao pensamento eurocêntrico colonizador, como conceito singular para a construção de um pensamento decolonial, elaborado a partir das experiências das diferentes culturas que conformam a geopolítica de outros conhecimentos produzidos pelas comunidades culturalmente diversas, Fleuri (2003, p. 30) reafirma que,

Para além de uma compreensão rígida, hierarquizante, disciplinar, normalizadora da diversidade cultural, emerge o campo híbrido, fluido, polissêmico, ao mesmo tempo trágico e promissor da diferença, que se constitui nos entrelugares e nos entreolhares das enunciações de diferentes sujeitos e identidades socioculturais.

Assim, à medida que a geopolítica nacional, num contexto de tensões e conflitos, nega o cenário cultural dos diferentes grupos que se caracterizam pela resistência, afirmação dos direitos e luta pelo reconhecimento das identidades culturais, elementos indispensáveis para as transformações sociais e econômicas, nos campos das políticas públicas as diferentes culturas se colocam como imperativo para o diálogo decolonial e a assunção de um território interétnico e intercultural. Nesse sentido, Mignolo (2017) afirma:

A descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.) (MIGNOLO, 2017, p. 15)

Mignolo (2017) destaca o caráter epistêmico da descolonialidade, “um novo modo de pensar”, um movimento que se desloca entre a compreensão do projeto colonizador em sua dimensão de subalternidade aos padrões culturais, e a

intervenção social no sentido do reconhecimento das diferenças culturais como potência para redesenhar o contexto social da exploração do homem.

Ora, é no projeto decolonial que o pensamento intercultural se torna possível e necessário para o entendimento das relações entre seres humanos culturalmente diferentes, não somente para conhecer as especificidades de outras culturas, mas, sobretudo, porque “a desconstrução da matriz colonial do poder implica desarmar o dispositivo de ‘raça’, que vem sendo historicamente acionado para a distribuição, dominação e exploração da população [...]” (FLEURI, 2014, p. 103).

Em outras palavras, a interculturalidade é essa categoria que anuncia a existência de outras formas de organização socioeconômica e outros modos de exercer o poder para o desmonte da matriz colonial, com vistas a construir um projeto cuja arquitetura social possa delinear percursos humanos de convivência e diálogo entre o saber, o ser e o estar no mundo, numa nova lógica social que considere as peculiaridades das diferentes culturas. Dessa forma,

O ponto de vista crítico da interculturalidade evidencia, portanto, a necessidade de se desenvolver novas perspectivas

de poder, que desconstruam a lógica do mercado e da hegemonia capitalista e visem à construção de relações democráticas participativas, fundadas na justiça social e coerentes com os interesses do conjunto da humanidade e com a autonomia de cada grupo sociocultural. (FLEURI, 2014, p. 103).

Neste campo de debate, a interculturalidade assume diversas interpretações, cuja complexidade indica a necessidade de múltiplas abordagens que atendam as singulares culturas, no sentido de “respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos” (FLEURI, 2014, p. 91). Assim entendida, é preciso “repensar o conceito de interculturalidade do ponto de vista ‘originário’ e ‘comunitário’, de modo a destituí-la da manipulação folclórica que não modifica sua subalternidade” (FLEURI, 2014, p. 95).

Consideramos fundamental destacar na composição desse texto o debate acerca da interculturalidade na perspectiva decolonial por entendermos que o processo de construção histórica das diferenças culturais nasce sob a ótica de um projeto civilizatório etnocêntrico e

colonizador, de dominação, exploração e anulação das identidades dos grupos culturais diversos, a pluma de ocultar as verdadeiras intenções políticas e econômicas.

Em síntese, o pensamento decolonial significa outra concepção de mundo pautada na epistemologia de desconstrução de modelos predefinidos de subalternização dos povos colonizados, de desarticulação das hierarquias do poder colonial, de rompimento com a epistemologia eurocêntrica, enfim, de retomada cultural dos povos originários e do povo negro. E a interculturalidade é esse intercâmbio epistemológico que integra o projeto decolonial.

## **(IN)CONCLUSÕES**

O desafio posto, neste final do texto, pode ser o das possibilidades de extrair outras proposições teóricas da relação embrionária, já antecipando o caráter de interseção dos conceitos analisados – dos estudos linguísticos e da interculturalidade –, suas ressonâncias e potencialidades, para a interpretação do legado epistêmico dos diferentes grupos culturais.

Assim sendo, consideramos importante tecer uma conexão entre o pensamento fundante de Saussure, de mais um de um século atrás, com as necessárias atualizações que suas ideias exigem, não porque estejam ultrapassadas, mas porque toda ciência precisa mesmo conectar-se com o seu tempo, mais especificamente, no nosso caso, com o contexto brasileiro e os desafios que ele engendra. Nesse sentido, se reconhecemos que é por meio da linguagem que tudo existe, é ela que torna possível os anseios, projetos ou realizações humanas e a cultura. Materializando-as, nesse trabalho, a premissa defendida parte da ideia de que não existe cultura sem linguagem e nem linguagem sem cultura.

Para Hall (1997), os significados só são compartilhados porque acessamos de modo semelhante à linguagem, atribuindo, assim, sentido às coisas, funcionando como sistema de representação. Ao tratar dessas representações, Hall (1997) chama a atenção para o fato de que os produtores de mídia são os maiores expoentes na propagação desses “significados” que, cimentados para grande parte da sociedade, determinam dominados e dominadores. O problema é, justamente,

quando essas representações/significados são assimiladas sem contestações, isto é, são naturalizadas e não compreendidas como produto cultural, a exemplo do que ocorre ao se impor uma cultura linguística/epistêmica como superior a outras ou, também, a exemplo do que frequentemente em espaços sociais e culturais que ou apresenta apenas um recorte das diversas identidades ou as estereotipiza.

Nas palavras do intelectual, “[...] não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma,

progressivamente, a forma de uma política cultural” (HALL, 1997, p. 20).

Por fim, sabemos que a língua produz um emaranhado de sentidos atribuídos de forma arbitrária aos elementos culturais que, imersos na sociedade, têm significados diferentes, envolvendo múltiplas interpretações, resultante de uma construção cultural do signo. No contexto das diferentes culturas, a crescente exclusão social traz como modelo social a monocultura. A isso, ousadamente, também acrescentaríamos o problema da “monolíngua”, como se fosse possível a existência de uma única forma de organizar e atribuir sentidos aos diversos repertórios epistêmicos e culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Bernadete. Entrevista. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. São Paulo:Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. RESENHA: Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias dalingüística. **Rev. Brás. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, pág. 197-198, dezembro de 2003. Disponível em <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000300017&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 mar 2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na américa latina: uma construção plural, original e complexa. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10,

n. 29,p. 151-169, jan./abr. 2010.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: Fundamentos e visão crítica.**12.ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol. 1). Trad.: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** (vol. 2).Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. **Saussure a invenção da Linguística.** São Paulo:Contexto, 2013, p. 99-111.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação, **Revista Brasileira de Educação**, 23, maio/ago.,2003, 16-35. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200003>

FLEURI, R. M. (2014). **Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios político e educacionais.** *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, (37), p. 89-106. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.voi37.771>

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Riode Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), pp. 12-32, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes,Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 2006.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.